

Narrativas da Memória: A Cidade como Museu Conectividade, práticas artísticas e museologia social contemporânea

Lilian Amaral¹

Claudio Barría Mancilla²

Resumo

A presente discussão propõe analisar o lugar da arte no âmbito da esfera pública contemporânea a partir da diluição e do deslocamento do objeto para o campo da experiência estética. Transitar entre a autonomia e a instrumentalização parece ser um dos dilemas enfrentados pela arte que incide em dinâmicas sociais, prática contemporânea derivada da arte pública e suas recentes hibridizações. Tais questões podem iluminar um debate sobre as práticas críticas como campos de ação processuais e colaborativos apontando para renovadas formas de comunicação, apropriação, interação e pertencimento. Objetiva-se investigar os modos de fazer artísticos compartilhados em rede, os processos de transformação no território deles decorrentes e implicações políticas no tecido social. Estabelece uma plataforma de ação, reflexão e análise acerca de práticas artísticas como processos de escrita criativa co-elaborativas junto a Museus do Território situados na cidade do Rio de Janeiro como parte de uma experiência a/r/tográfica (IRWIN, 2005) como mediação cultural e ativação dos territórios. Concebida como um museu difuso, nômade e temporário em diálogo com o conceito de Geopoética dos Sentidos (AMARAL, 2015), a plataforma de práticas artísticas problematiza e coloca em evidência outros patrimônios possíveis, operando

¹ Artista visual, curadora e pesquisadora no campo da arte e esfera pública, arte urbana e imaginário social. Pós-Doutora em Arte, Ciência e Tecnologia pelo IA/UNESP e Universidade de Barcelona. Pós-Doutora em Arte e Cultura Visual pelo PPG em Arte e Cultura Visual da FAV / UFG com Bolsa Capes PNPd. Doutora e Mestre em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo com estágio doutoral junto à Universidade Complutense de Madrid. Dirige a Rede Internacional de Educação Patrimonial, contexto ibero americano. Membro do Grupo de Pesquisa GIIP/Media Lab UFG e BR :: AC – Barcelona Recerca Arte y Creación. Professora Convidada das Universidades de Girona, Universidade de Barcelona, Universidade Politécnica de Valência, Espanha, Universidade de Évora, PT, Universidade Antonio Nariño, Colômbia, entre outras. Membro da ANPAP – Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.

² Doutor em Educação pela UFF, Coordenador do Pontão de Cultura e Educação Tear, diretor da revista colaborativa Astrolábio e membro do Núcleo de Investigação Resistência e Arte - NIRA/UERJ.

como dispositivo de memória contra o “desperdício da experiência” (SANTOS, 2010), com base em uma poética do Sul.

Palavras-chave

Práticas artísticas, museus do território, geopoética dos sentidos, o patrimoniável, poética do sul.

Narrativas de la Memória: la ciudad como museo

Conectividad, practicas artísticas y museologia social contemporánea.

Resumen

La presente discusión propone analizar el lugar del arte en el ámbito de la esfera pública contemporánea a partir de la dilución y el desplazamiento del objeto hacia el campo de la experiencia estética. Transitar entre la autonomía y la instrumentalización parece ser uno de los dilemas enfrentados por el arte que incide en dinámicas sociales, práctica contemporánea derivada del arte público y sus recientes hibridaciones. Tales cuestiones pueden iluminar un debate sobre las prácticas críticas como campos de acción procesales y colaborativos apuntando a renovadas formas de comunicación, apropiación, interacción y pertenencia. Se pretende investigar los modos de hacer artísticos compartidos en red, los procesos de transformación en el territorio de ellos derivados e implicaciones políticas en el tejido social. En el caso de los museos del Territorio situados en la ciudad de Río de Janeiro como parte de una experiencia a / r / tográfica (IRWIN, 2005), se establece una plataforma de acción, reflexión y análisis acerca de prácticas artísticas como procesos de escritura creativa co-elaborativa junto a Museos del Territorio situados en la ciudad de Río de Janeiro como parte de una experiencia a / r / como mediación cultural y activación de los territorios. Concebida como un museo difuso, nómada y temporal en diálogo con el concepto de Geopoética de los Sentidos (AMARAL, 2015), la plataforma de practicas artísticas problematiza y pone en evidencia otros patrimonios, operando como dispositivo de memoria contra el “desperdicio de la experiencia” (SANTOS, 2010), con base en una poética del Sur.

Palabras-clave

Prácticas artísticas, museos del territorio, geopoética de los sentidos, lo patrimoniable, poética del sur.

Introdução

Neste artigo apresentamos um conjunto de experiências em torno de determinadas configurações de práticas artísticas como práticas críticas, tendo o espaço e a esfera públicas contemporâneas latino americanas e seus diálogos com espaços de cultura e memória, aqui entendidos como museus do território, como espaços entremeios,

MAIO
9-11
UFG/BR

espaços de experimentações, copesquisa, participação e compartilhamento, ancorados nas atuais concepções da museologia social. O projeto de coinvestigação e cocriação toma a cidade do Rio de Janeiro e simultaneamente, cidades da América Latina, notadamente, em Bogotá, Colômbia, como lugares-observatórios de processos de transformação urbana e do patrimônio cultural contemporâneo

Tais experiências, especialmente aquelas realizadas em contextos que passam por intensos processos de transformação, traçam reflexões sobre práticas artísticas como plataformas de agenciamento de construção de lugares, como dispositivos disparadores de processos de escrita criativa co-elaborativa, a partir da vivência junto a quatro museus do território. Por meio de ações de mediação cultural que perpassam diversos lugares do subúrbio da Cidade do Rio de Janeiro, parte-se da memória dos moradores do complexo de favelas da Maré e sua articular percepção espaço temporal, até a sustentabilidade socioambiental em torno da restinga da Marambaia em Sepetiba. Atravessa a memória do samba carioca e seu cotidiano em direção às histórias negadas da diáspora africana e da crueldade do tráfico negreiro, inscritas na arquitetura e na paisagem do Cais do Valongo e no cemitério dos pretos novos.

A experiência foi vivenciada em intercâmbios e andarilhagens poéticas promovidas pelo “Pontão de Cultura e Educação Tear” ao longo de 2015 a 2017. e contou com a concepção, supervisão e participação do grupo de pesquisa R.U.A.: realidade urbana aumentada. O Pontão é uma iniciativa do Instituto de Arte Tear (IAT) que vem sendo realizada desde 2015. Inserido no contexto da Lei Cultura Viva, visa a sensibilização estética para o fortalecimento de processos criativos e produtivos dos agentes da rede de Pontos de Cultura a partir da implementação de uma tecnologia social dialógica de produção e partilha de conhecimentos acerca das práticas artísticas como mediação cultural e social. Essa construção criativa teve como base o *encontro* em uma interação sistêmica vivenciada em diversos lugares e também em plataformas digitais, entendidos todos como espaços de memória, de formação, trocas, sistematização e produção. O projeto envolveu os Pontos de Cultura e memória: Museu do Samba, Museu da Maré, Ecomuseu de Sepetiba e o Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos – Museu Memorial. Nos aproximando do conceito de uma Geopoética dos Sentidos (Amaral, 2015a), processo performativo atento às mudanças no espaço urbano e sua influência na subjetividade e, assim, na noção de patrimônio, buscamos desenvolver um modo de interação que, a partir do que chamamos de mergulhos poéticos andarilhos pudesse desdobrar em um processo de escrita processual criativa e co-elaborativa.

Tal processo está ancorado na renovada abordagem da museologia social contemporânea, estruturada em favor de políticas públicas participativas, de uma museologia inclusiva, acessível e libertária, que busque a emancipação dos sujeitos a partir de suas memórias. Reforça-se a ideia dos museus a serviço da sociedade, como práticas sociais estratégicas para o desenvolvimento dos países latino americanos e

como processos de representação das diversidades étnica, social, cultural, linguística, ideológica, de gênero, de credo, de orientação sexual e outras, e do direito à memória dos grupos e movimentos sociais.

Figura 1: Rotas da Memória Entre Pontos Cariocas. Museus do Território.



As diretrizes desta museologia com a qual operamos perpassam a noção dos museus como espaços de investigação, documentação, comunicação, e preservação da herança cultural, com a missão de educação para a transformação da realidade social, buscando, também a valorização dos diversos tipos de museus, enfatizando os museus comunitários, ecomuseus, museus do território, museus locais, museus de resistência e de direitos humanos. Nesse aspecto, destaca-se a ideia de processo museológico como exercício de leitura do mundo que possibilita aos sujeitos sociais a capacidade de interpretar e transformar a realidade para a construção de uma cidadania democrática e cultural propiciando a participação ativa da comunidade no desenho das políticas museais (CHAGAS, 2016).

Prática artística, mediação e espaços da memória

O espaço habitado, assim como os objetos e os corpos parecem carregar consigo, inscritos, o entrelaçamento de memórias por muito apagadas, invisibilizadas, memórias que se encontram no cruzamento do comum com o próprio lugar, do público com o privado. Mas como refazer os laços de antigas subjetividades que, de um modo ou de outro, são também a nossa? Pode a prática artística mediar este processo de (re)ver, ou melhor, como nos convida o poeta Manoel de Barros, de *transver*?

A indagação estética em interação com os diversos usos do espaço, suas relações afetivas e as práticas estruturadas e estruturantes dos agentes sociais no lugar

permite acessar, na mesma ação performativa, passado, presente e futuro no mesmo movimento em que o espaço urbano é ressignificado por essa ação. Entender o mundo como museu, que articule passado e futuro (AMARAL 2014, 2015; MARTIN-BARBERO 1997, 2004), demanda descobrir os dispositivos de ativação da memória e do olhar a partir da experiência vivenciada, do espaço praticado, habitado, portanto, dotado de sentido.

Artérias e seus fluxos: cartografias em movimento e a ideia de rotas

A produção de mapas é uma tecnologia do poder que vem sendo apropriada e desapropriada, por aqueles que lhe foram historicamente invisíveis. É, ao mesmo tempo, *tecno* e *logos*, isto é, modo de fazer e de pensar; processo de ir sendo e identidade. Mas mapear objetos, lugares, instituições pode ser uma tarefa relativamente simples, considerando o acesso que hoje temos a ferramentas de geolocalização e indexação. Todavia, se a ideia é atravessada pelo desejo etnográfico afetivo de captar sentidos de pertencimento, identidade e os modos em que se dá a expressão estética de um determinado modo de ocupar a cidade, como cartografar poéticas? Neste ponto se entrelaça nosso diálogo com as *Cartografias Artísticas* (AMARAL 2016), na direção de uma partilha geopoética. Já na concepção do projeto do Pontão, em 2014, foi preciso conceituar o espaço, para logo cartografá-lo “em-relação”, em uma pesquisa solidária que captasse as produções subjetivas em/com/sobre o espaço habitado, dando origem ao conceito de *rotas*. Ao lançarmos um olhar à procura da relação entre o espaço urbano e a produção simbólica dos seus habitantes, percebemos logo essa relação íntima entre memória, identidade e o espaço habitado, o lugar.

Os mapeamentos oficiais não nos serviam para este propósito pois não nos oferecia a substância necessária para estabelecer essa relação íntima e propriamente afetiva dos sujeitos com a sua espaço-temporalidade. Faltava incluir na nossa percepção o *uso* do espaço urbano, ou seja, o movimento, os fluxos, a circulação, a mobilidade urbana, ou sua limitação, e não apenas o estar. Essa relação íntima dos sujeitos (indivíduos e coletivos) com o uso do espaço urbano cria vínculos afetivos - topofilias - e subjetividades não hegemônicas, mas essenciais à produção de sentidos de pertencimento, assim como também heterotopias urbanas. O Rio de Janeiro é uma cidade com muitos afluentes. Rearranjos socioculturais que tornam a cidade densa e complexa se atrelam a eles em longas vias de fluxo e trânsito intenso de pessoas, onde a cultura é correnteza. Lançando um primeiro olhar sobre a cidade percebemos que essa complexa malha estabelece conectividades, composta por, pelo menos, três grandes *rotas* que denominamos *Brasil*, *Valongo* e *Rebouças* (ver fig. 1). Estas “rotas” de conexão são também definidoras de sensibilidades, identidades e estéticas urbanas, também fluidas, que a concepção - geopolítica e militar - dos territórios, com suas fronteiras estanques e claramente delimitadas, não é capaz de comportar.

MAIO
9-11
UFG/BR

Trata-se de identidades e estéticas urbanas em movimento, de uma cultura viva, invisível aos olhos do que não flui. Esta abordagem compreende cada *rota* não apenas como uma via de circulação urbana, mas como complexos definidos pelos usos e percursos cotidianos de faixas importantes da população na sua relação com a cidade. Enquanto a *rota Brasil* envolve toda uma dinâmica a partir das artérias da Av. Brasil e região da Leopoldina, passando pela maioria dos bairros do subúrbio carioca, de Sepetiba aos grandes complexos de favelas do Alemão e da Maré, as rotas *Valongo* e *Rebouças* traçam, por sua vez, trajetórias ligadas ao Centro da cidade, o cais do porto e a baía, uma, e a outra às rotas de circulação pelas zonas Sul e Norte.

Figura 2: Mapa Rede Carioca de Pontos de Cultura por Rotas.



Nesse movimento de olhar modos de indagar juntos, de apreender-em-relação, nos aproximávamos do campo da *a/r/tografia* (IRWIN, 2013), apresentado por Amaral, pesquisadora convidada e associada ao projeto do Pontão. *Rotas da Memória: entre-Pontos cariocas* estabeleceu a convergência dos Percursos formativos e da experiência de mediação andarilha com as contribuições do campo da museologia social e da *a/r/tografia*. Somada aos elementos da cibercultura e às reflexões em torno das cartografias geopoéticas e do patrimoniável, ampliou as experiências trazidas pelos próprios Pontos de Memória, consolidando a configuração de uma proposta de Museu difuso, nômade e temporário, uma interface da memória coletiva. Iniciamos a pesquisa identificando e aprofundando o conhecimento do trabalho dos Pontos de Cultura como centros de memória e respectivas ações museais no território, buscando traçar as interações artísticas e de mediação cultural que desenvolvem com os espaços urbanos. Para tal, realizamos, em novembro de 2016, o Colóquio Cartografias artísticas,

MAIO
9-11
UFG/BR

territórios poéticos, no auditório do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM. A partir do colóquio uma série de ações e encontros deu origem ao *GT do Patrimônio-ável*, conceito que vem sendo elaborado por redes de pesquisa em torno da prática artística, educação patrimonial e mediação cultural na ibero-américa – composto, neste contexto, pelos quatro Pontos de Cultura e o Instituto Tear. Buscando indagar semelhanças e singularidades dos coletivos entre si e com o espaço urbano, cada Ponto do GT desenvolveu *andarilhagens* pelos seus lugares na cidade como práticas de atualização de sentidos e significados. A partir da pergunta/provocação, “*podem as práticas artísticas produzir território?*” foi criada uma agenda de derivas/andarilhagens em cada um dos quatro museus do território.

Considerando memória, cultura e identidade como um entrelaço complexo que articula as espaço-temporalidades humanas buscou-se inter-relacionar, por meio da interpolação de diversas tecnologias da memória, o que Levy (1993) chamou de “tempo do espírito”: a oralidade primária, a escrita e a informática. Buscamos criar assim, dispositivos de criação, captura, reflexão e aprofundamento da experiência de forma transversal e integrada aos processos de mediação no lugar por meio da concepção e implementação de duas plataformas digitais na web, videodocumentários e a publicação de um livro digital. Engrenagens de um dispositivo de memória cujas funcionalidades se complementam: uma cumpre de forma imediata o papel de memória em construção compartilhada no processo a/r/tográfico, que nomeamos de *Fórum de escrita criativa co-elabor-ativa*. Outra, de mapeamento, produção e partilha de conteúdos de forma colaborativa na web, o *Astrolábio* e a publicação em formato digital aberto, para ampla distribuição, contendo relatos e reflexões de todos os atores envolvidos nos processos coautorais. A plataforma na web recebe as contribuições das vivências em cada andarilhagem, completando como interface de memória, a noção de museu difuso. Um espaço de captura da experiência, do afeto, das impressões e das interações, mais do que da análise posterior e distanciada pelos processos de escrita linear e racional. O Fórum foi se constituindo, deste modo, em *produto-processo* do trabalho desenvolvido, independente do processo de escrita final, compilado no e-book *Rotas da memória, entre Pontos cariocas*. O uso desta tecnologia da inteligência (LÉVY, 1993), como elo da interface de memória, permitiu o acompanhamento e a intervenção em tempo real por parte de todos os envolvidos nos trabalhos. Ao articular experiência/lugar/tempo/memória/partilha/co-criação, a plataforma operou como um “alargador” do tempo de reflexão/partilha dada nos encontros vivenciados. O conteúdo possui um valor estético processual, ligado intimamente à vivência, motivo pelo qual não foi feita uma revisão dos textos para seu enquadramento em normas técnicas ou acadêmicas de publicação. O *Fórum* retrata, como uma espécie de diário de bordo, esta singular experiência que se dá no âmbito subjetivo e se amplia e complementa, no e com o coletivo, assim, buscamos não alterar seu caráter de testemunho criativo processual.

MAIO
9-11
UFG/BR

Como assinalado anteriormente, a proposta de escrita co-elabor-ativa: memória, território e o patrimoniável desenvolvida com cocuradoria dialoga intimamente com o campo da a/r/tografia, uma abordagem metodológica baseada na prática artística e na escrita colaborativa, cuja referência principal é a artista e pesquisadora Rita Irwin (2009). "A/r/tografia é uma combinação de arte e grafia, ou imagem e palavra". Em tempo, o termo nos fala também de uma escrita coautoral cuja narrativa é tecida pelo a/r/tógrafo e pela comunidade, no lugar. Do mesmo modo esta ação a/r/tográfica se deu em diálogo com a Geopoética dos Sentidos (AMARAL, 2015, 2015a) baseada na construção co-elabor-ativa que se dá na prática do *lugar – pressupondo, uma performatividade entre corpo e cidade, o que implica em deslocamentos como procedimentos*.

Entre seus objetivos destacamos o investigar as transformações urbanas por meio de sistema de cartografia artística/cultural; mapear e analisar, para entender as dinâmicas do lugar; visualizar, para interpretar as articulações diversas que acontecem no território; projetar, para traçar novas dinâmicas produtivas; colaborar, para potencializar e multiplicar as capacidades criativas.

Como parte do decorrente processo reflexivo/criativo, produziu-se o curta-documentário sobre a experiência compartilhada e em deslocamento, intitulado *Rotas da Memória entrePontos Cariocas* que buscou uma síntese audiovisual das rotas, proporcionando a experiência de sobrevôo, imersão e ancoragem nos diversos territórios.

Figuras 3, 4, 5, 6, 7 e 8: referem-se ao Vídeo Documentário *Rotas da Memória EntrePontos Cariocas*



Reflexões inconclusivas: o patrimoniável como poética do Sul

Os mergulhos poéticos no lugar nos incitam a uma necessária reeducação visual da memória, da herança negada, abrindo a experiência sensível a um devir-patrimônio: o patrimoniável. Se o patrimônio é a memória socialmente legitimada – de maneira que carrega consigo toda a violência simbólica (BOURDIEU, 2000) dos processos de legitimação em uma sociedade cujo padrão estruturado e estruturante é a racialização das formas da dominação e a correlata hierarquização dos saberes com arranjo a uma lógica eurocentrada – o *patrimoniável* é a memória em relação, que emerge como a possibilidade de democratização/descolonização desse processo de legitimação social da arte e da cultura, da memória e da própria herança coletiva em contexto intercultural. Uma percepção do que pode ser patrimoniável se ergue desde o Sul global como possibilidade de uma reeducação desse olhar atravessado pelo viés da colonialidade. Pensar desde o lugar a totalidade-mundo, desde o encontro co-elabor-ativo, em um movimento de escrita criativa é uma aproximação aos sentidos de uma “poética do Sul”. A poética das nossas andarilhagens nos traz elementos que convergem para o início de uma sistematização da prática artística como trabalho de mediação cultural entendido como uma pedagogia do patrimoniável, que por ser uma pedagogia da memória ainda não legitimada é, se lida em chave descolonial (ou se preferirmos, do Sul global), um “ato educativo contínuo que sabe ler paisagem e corpos e não apenas os códigos da língua oficial/colonial” alinhado à poética de uma pedagogia do Sul (BARRIA MANCILLA, 2014).

Notas

- ³ O Tear surge em 1980 como Escola de Arte, inspirada no movimento de Escolinhas de Arte do Brasil. Em 2000 nasce dele o Instituto de Arte Tear, uma associação sem fins de lucro voltada para a promoção da arte/educação junto a crianças e adolescentes de classes populares. Ver: <http://institutotear.org.br/fios-da-memoria-2>
- ⁴ O termo se refere a espaços realmente existentes (diferente de utopia) que funcionam em condições não-hegemônicas; espaços que têm múltiplas camadas de significação ou de relações a outros lugares e cuja complexidade não é imediatamente perceptível. Ver: FOUCAULT, Michel. De espaços outros. Estudos. av., São Paulo, v. 27, n. 79, p. 113-122, 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300008&lng=en&nrm=iso>. Access on 07 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142013000300008>.
- ⁵ A artista visual, pesquisadora em Arte Pública e Patrimônio Cultural Lilian Amaral – Media Lab/UFG e Rede Internacional de Educação Patrimonial.
- ⁶ O nome do Colóquio reproduz o título do livro da autoria de Lilian Amaral, lançado no Rio de Janeiro com ocasião do Colóquio e que se encontra disponível em: <http://www.memorial.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Cartografias-Art%C3%ADsticas-e-Territ%C3%B3rios->

[Po%C3%A9ticos.pdf](#) Acessado pela última vez em 28/12/2017.

⁷ Em setembro de 2012, ocorre a 1ª Conferência Internacional de Educação Patrimonial em Madri, com a apresentação da Dra. Lilian Amaral sobre o Museu Efêmero, onde é feita uma distinção importante entre contribuições europeias e latino-americanas sobre o patrimônio consagrado e em transição, o que implica começar a conceituar a ideia do “patrimoniável”, apontando já para uma visão descolonizadora da re-existência cultural, baseada na prática, no pertencimento e na identidade. A palavra “patrimoniável” aparece pela primeira vez no II Workshop de Redes em Ciências Sociais, Econômicas e Humanas, México, Brasil, Chile, EUA, Espanha e Panamá (em novembro de 2013, Bogotá, Universidade Antonio Nariño). Mais especificamente, na Mesa de Trabalho Art & City. Mas é em abril de 2014, em Fortaleza, Ceará, Brasil, com ocasião do 5º “Seminário do Patrimônio Cultural de Fortaleza” e, em outubro de 2014, no “II Congresso Internacional de Educação Patrimonial (...)”, que a ideia do “patrimoniável” foi consolidada como uma nova categoria, talvez nascida ad hoc para o contexto brasileiro, colombiano e latino-americano de forma geral, lateral e paralela aos debates sobre educação patrimonial, especialmente no contexto europeu. Ver: <http://www.rededelopatrimoniable.com/>

⁸ Acessar <http://astrolabio.org.br>. A revista tem página própria nas principais redes sociais: <http://facebook.com/astrolabio>; <https://www.instagram.com/revista.astrolabio/>; <https://medium.com/astrolabio> e <https://plus.google.com/u/0/+AstrolabioRevista>

⁹ Pesquisadas diversas ferramentas disponíveis na web optamos pela plataforma *Paper* ligada ao serviço de nuvem *Dropbox*, na sua versão gratuita para organizações.

¹⁰ No prelo.

¹¹ O Fórum *escrita criativa co-elabor-ativa*. pode ser acessado diretamente na plataforma em que foi sendo produzido, no link: <http://bit.ly/ForumEscrita-Colabor-I>

¹² Tradução própria do original em inglês: “A/r/tography is a coming together of art and graphy, or image and word.” Springgay, Irwin & Wilson Kind, 2005. p.900. Ver também: <http://artisti-cintellect.com/2013/08/05/artography-as-methodology/>

¹³ Ver: <http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/simposios/09/Lilian%20Amaral.pdf>

¹⁴ AMARAL, Lilian. Notas ao Fórum de escrita co-elabor-ativa.

¹⁵ O curta-documentário se encontra disponível no link <https://vimeo.com/253543367>

Referências

AMARAL, Lilian. **Cartografias artísticas e territórios poéticos** [recurso eletrônico] / São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015. Disponível em <http://www.memorial.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Cartografias-Art%C3%ADsticas-e-Territ%C3%B3rios-Po%C3%A9ticos.pdf> acessado pela última vez em 20/12/2017.

MAIO
9-11
UFG/BR

_____. R.U.A. **Geopoética de los sentidos**. Comunicação virtual em II Congreso Internacional de Investigación en Artes Visuales ANIAV, 2015a. <http://dx.doi.org/10.4995/ANIAV.2015.1053> acessado em 22/12/2017.

BARRIA MANCILLA, Claudio A. **Pela poética de uma pedagogia do Sul**, diálogos e reflexões em torno de uma filosofia da educação descolonial. Tese de doutorado, UFF, Educação, Niterói: 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CHAGAS, M; Das "**Utopias Museais**" ao Pragmatismo Estruturado. In: *MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, no. 7. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2016.

IRWIN, R. **Artografia**: uma mestiçagem metonímica. In AMARAL, L; BARBOSA, A. M..(Orgs) *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2009.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**, o futuro do pensamento. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1993.

_____. **O que é o virtual**. Rio de Janeiro: ed. 34, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações, comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SANTOS, Boaventura de S. e MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Rio de Janeiro: Cortez Editora, 2010.
